

## O martírio de Estêvão e a comunidade cristã de Jerusalém: a questão da memória no relato historiográfico de Atos dos Apóstolos<sup>1</sup>

Monica Selvatici\*

### Resumo

Este artigo objetiva discutir o episódio do suposto julgamento, discurso e morte do judeu cristão helenista Estevão na Jerusalém da década de 30 do século I d.C., tal como ele é caracterizado pelo relato do livro dos *Atos dos Apóstolos*. Por meio do questionamento e da análise dos marcadores principais presentes no discurso de Estevão em At 7, discutiremos, à luz da questão da memória, a possibilidade de a narração de Lucas sobre o martírio de Estevão refletir ou não eventos históricos por detrás do relato.

**Palavras-chave:** Atos dos Apóstolos, Estevão, mártir, Templo de Jerusalém, idolatria, memória.

### Abstract

This article will discuss the episode of the supposed trial, speech and death of the Hellenist Jewish Christian Stephen in Jerusalem during the 30s of the 1st century AD, as it is characterized by the account of the book of *Acts of the Apostles*. By questioning and analyzing the main features present in Stephen's

---

<sup>1</sup> Versão ampliada do texto originalmente apresentado em 14/07/05 no VI Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos / XV Ciclo de Debates em História Antiga – *Memória e Festa*, realizado no Campus Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre os dias 11 e 15 de julho de 2005.

\* Monica Selvatici é doutoranda em História Antiga pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP e bolsista FAPESP sob a orientação dos Professores Doutores. André Leonardo Chevitaese e Pedro Paulo A. Funari.

speech in Acts 7, we will discuss, in the light of the question of memory, the possibility that Luke's narrative of Stephen's martyrdom reflects [or not], beyond the relatory, historical facts.

**Keywords:** Acts of the Apostles, Stephen, martyr, Jerusalem Temple, idolatry, memory.

Este *paper* objetiva analisar o relato do suposto julgamento, discurso e martírio do judeu-cristão-helenista Estevão, tal como recuperado pelo livro dos *Atos dos Apóstolos*. Este texto do Novo Testamento, de fins do século I d.C., é entendido por muitos especialistas como uma obra de ficção que revela pouca preocupação com a historicidade dos eventos narrados. Desse modo, partindo da premissa do questionamento, discutiremos a historicidade do martírio de Estevão na Jerusalém da década de 30 do século I à luz da questão da *memória*.

A memória foi, de fato, aspecto primordial para a consolidação da identidade de grupo do movimento cristão em seus primeiros anos de vida, na medida em que a crença em Jesus como o Messias de Israel era ainda transmitida oralmente e a sua vida e os eventos iniciais do movimento ainda não haviam sido eternizados na escrita. Com efeito, o processo de transformação das narrativas orais sobre Jesus em textos ocorre apenas a partir da década de 60, quando da morte dos membros daquela primeira geração que fora testemunha de sua vida e, principalmente, após a destruição de Jerusalém e do Templo pelos romanos em 70 d.C.

Estevão, considerado o *protomártir* da tradição cristã não possui, no entanto, muitas evidências que atestem a sua existência no grupo cristão de Jerusalém e nem a sua morte pela lapidação ou apedrejamento pelos judeus da cidade. Sua presença marcante na igreja de Jerusalém é preservada, ao longo de todo o NT, apenas pelo relato de *Atos dos Apóstolos*. Muito posteriormente, na data de 415 d.C., mais “evidências” aparecem sobre essa figura com a descoberta das suas relíquias pelo padre Luciano. A descoberta da tumba do primeiro mártir e a

disseminação de suas relíquias, particularmente no Ocidente, favoreceriam, assim, a expansão do culto à figura de Estevão.<sup>2</sup>

O relato de Atos foi redigido, mais provavelmente, entre as décadas de 80 e 90 do século I d.C. No entanto, a existência do texto é atestada apenas a partir da segunda metade do século II, quando ele é mencionado por outros escritos cristãos, em especial aqueles do bispo Irineu de Leão. Nesse momento, Atos passa a servir ao propósito de apresentar uma vivência “correta” da fé para os discípulos cristãos, baseada no modelo de vida do apóstolo Paulo. Ademais, a disseminação desse texto em tal período teve como objetivo principal o estabelecimento de uma ortodoxia na Igreja cristã – ortodoxia esta fomentada pela proliferação das chamadas heresias<sup>3</sup>.

Em relação à figura de Estêvão, Atos a apresenta no momento da nomeação dos sete judeus cristãos de origem helenista que devem, no interior da comunidade cristã de Jerusalém, ocuparem-se da distribuição do pão às viúvas de seu grupo. O autor de Atos não economiza elogios ao introduzir Estêvão na narrativa: *E escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Felipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia* (At 6.5b). O retrato elogioso de Estêvão obviamente não é casual na narrativa lucana. Ao cristão helenista é conferida uma função muito maior do que apenas fazer a distribuição das mesas na hora da comunhão: na realidade, a pregação da Boa Nova cristã por ele é, de forma indireta, iniciadora do processo de expansão do movimento cristão para fora da Judéia, porque fomenta uma reação violenta por parte da(s) sinagoga(s) de judeus helenistas em Jerusalém e que leva a uma grande perseguição à comunidade de Jesus. Esta perseguição se inicia exatamente com o martírio de Estêvão. Ao que parece, a pregação de Estêvão, “por ser imbuída do Espírito Santo”, excede-se em críticas a ponto de irritar os membros da(s) sinagoga(s) helenista(s) nas quais vai pregar. Aparentemente

---

<sup>2</sup> Cf. BOVON, François. “The Dossier on Stephen, the First martyr”. In: *Harvard Theological Review* n. 96, 2003, pp. 237-79.

<sup>3</sup> O termo *hairesis*, segundo Flávio Josefo, significava originalmente ‘uma vertente filosófica em meio a várias’. No entanto, dentro do movimento cristão no século II d.C., o termo passa a designar as formas outras de vida e crença na figura de Jesus que foram consideradas incorretas pelos bispos da Igreja e que contribuíram para o estabelecimento do cânon dos livros sagrados redigidos após a vinda de Jesus, o Novo Testamento – dentro do qual o livro dos *Atos dos Apóstolos* desempenha papel fundamental.

Lucas não admite o crime da blasfêmia cometido por Estêvão, já que, em seu relato, coloca tal acusação na boca de “testemunhas falsas” que seriam subornadas pelos membros da sinagoga para que dissessem: *Ouvimo-lo pronunciar palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus.* (At 6.11)

Ao chegarem à presença do Sinédrio, o depoimento das falsas testemunhas é o seguinte:

Este homem não cessa de falar contra este lugar santo e contra a Lei. Pois ouvimo-lo dizer repetidamente que esse Jesus, o Nazareu, destruirá este Lugar e modificará os costumes que Moisés nos transmitiu (At 6.13-4).

A expressão “este lugar santo” se refere ao *Templo de Jerusalém*. É interessante notar que o processo/julgamento de Estêvão em Atos segue o mesmo modelo do relato do processo de Jesus nos evangelhos sinóticos de Mateus e Marcos. Nestes, a acusação de que Jesus teria dito que destruiria o Templo também parte de “falsas testemunhas” (Cf. Mt 26.61; Mc 14.58). Lucas omite intencionalmente a passagem de Jesus no evangelho, porém em At 6.13 a acusação contra Estêvão é feita por “testemunhas falsas” (*te márturas pseudeis*). A omissão lucana no Evangelho deve ser explicada por sua utilização tardia do mesmo padrão em Atos, no “juízo” de Estêvão perante o Sinédrio.

O longo discurso que Lucas coloca nos lábios de Estêvão em resposta à pergunta do sumo sacerdote (“As coisas são mesmo assim?”) não se encaixa na sua aparente intenção de apresentar o cristão helenista como inocente do crime. É verdade que não se encontra, no discurso de Estêvão, nenhuma forma de crítica a Moisés ou à Lei. Ao contrário, a Lei é caracterizada como tendo sido “ordenada por anjos” (At 7.53). Entretanto, em relação ao Templo, Estêvão parece realmente criticá-lo. Suas palavras em 7:48 são: *o Altíssimo não habita em obras de mãos humanas* (*cheiropoiētois*). Logo, Deus não habita no santuário em Jerusalém.

Em função de tais palavras duras, o cristão helenista é arrastado para fora da cidade e apedrejado pela multidão. A pena do apedrejamento ou lapidação era aplicada pelas autoridades do Sinédrio para os crimes de blasfêmia contra Deus e a Lei. Embora o relato não aponte claramente que a sentença de morte tenha sido pronunciada, a iniciativa da multidão em apedrejar Estevão tem a aparente aprovação do Sinédrio (Cf. At 6.12-15; 7.55-60). Na realidade, a narrativa lucana hesita muito entre um julgamento real e uma revolta popular contra o cristão. De acordo com François Bovon, “essa tensão provavelmente reflete uma diferença de opinião entre a tradição que favorece a idéia de uma ação popular e a redação lucana que privilegia a idéia de um julgamento”.<sup>4</sup>

Uma possível explicação para o silêncio de Lucas em relação à sentença oficial das autoridades judaicas seria o fato de que, naquele momento, o Sinédrio perdera o seu poder de julgar os crimes puníveis com a pena de morte para o prefeito romano. Outra possibilidade – neste caso, levantada em favor da aprovação oficial do apedrejamento de Estevão pelo Sinédrio – estaria no fato do martírio ter acontecido no período da deposição de Pôncio Pilatos, em 36 d.C. Dale Moody acredita que o afastamento de Pilatos “criou um vácuo de poder que permitiu aos judeus iniciar um ataque à nova seita que seguia Jesus”.<sup>5</sup> No caso de a segunda alternativa se mostrar correta, Lucas, ao que parece, não teve conhecimento suficiente dos fatos relacionados a ela, pois seria obviamente interessante para ele apresentar os judeus que mataram Estevão como judeus que haviam desobedecido às ordens romanas. Christopher Mount defende, neste sentido, a hipótese de que Lucas conhecia muito pouco da história que pretendia relatar em Atos. Mesmo em relação ao apóstolo Paulo, cujos feitos e viagens missionárias tomam metade do livro, Mount descarta a idéia de que Lucas seguisse uma tradição paulina e acredita, na realidade, que ele não possuía mais do que algumas poucas informações sobre o missionário.<sup>6</sup> Na realidade, na historiografia acerca do NT não faltam autores céticos quanto às informações presentes em Atos. Ainda assim, em

---

<sup>4</sup> BOVON, François. “The Dossier on Stephen, the First Martyr”.

<sup>5</sup> MOODY, D. “A New Chronology for the Life and Letters of Paul”. In: VARDAMAN, J. & YAMAUCHI, E. M. (eds.). *Chronos, Kairos, Christos. Nativity and Chronological Studies Presented to Jack Finegan*. Eisenbrauns: Winona Lake, 1989, p. 224.

<sup>6</sup> MOUNT, C. *Pauline Christianity: Luke-Acts and the Legacy of Paul*. Leiden: Brill, 2002, p. 106, nota 7.

relação ao episódio da morte violenta de Estevão, será que podemos rotulá-la apenas como um recurso retórico do autor do livro?

### **O discurso**

Os discursos são elementos-chave no livro de Atos porque demonstram mais explicitamente os objetivos do autor. De acordo com Joseph Fitzmyer, “a principal questão levantada pelos discursos é a sua historicidade. Na forma como encontramos os discursos em Atos, eles são composições claramente lucanas”.<sup>7</sup> Esses discursos ocupam praticamente um terço do livro (aproximadamente 295 versos em mil). Particularmente, o discurso de Estevão é o mais longo porque abrange todo um capítulo, de 7.2 a 7.53. É classificado, em termos de gênero, como um “indiciamento profético”.

Luke T. Johnson argumenta que o discurso de Atos 7 se define mais como um resumo da teologia do próprio Lucas do que uma teologia do grupo helenista, do qual Estevão fazia parte. Quando comparado aos primeiros capítulos do livro, especialmente aos comentários de Pedro sobre os judeus, o ponto de vista de Lucas se torna claro: enquanto no início, após o evento da ressurreição, Pedro ainda mantinha uma mensagem para apresentar aos judeus (At 2.14; 4.10), no momento em que Estevão está para se pronunciar diante do Sinédrio, não há nada de novo que o cristão helenista tenha a lhes dizer. Ao não crer nas palavras de Pedro, os judeus em Jerusalém não atentam para a profecia de Moisés. Por esta razão, Estevão é tão severo para com eles (algumas de suas acusações: “homens de dura cerviz” e “incircuncisos de coração e de ouvidos” em 7.51; seus ancestrais perseguiram e mataram os profetas que prediziam a vinda do Justo, em 7.52).

Um único item no discurso, entretanto, parece não se encaixar no conjunto do relato de Lucas e se trata, precisamente, da caracterização do templo como *cheiropoiētos*. Na medida em que este termo havia sido consistentemente utilizado na tradução grega da Bíblia Hebraica (a Septuaginta) para ídolos/idolatria, o seu uso em relação ao Templo de Jerusalém traz à cena a

---

<sup>7</sup> FITZMYER, J. *The Anchor Bible: The Acts of the Apostles. A New Translation with Introduction and Commentary*. New York: Doubleday, 1998, p. 105.

possibilidade de que Estevão o esteja comparando aos ídolos ou fazendo um paralelo entre o seu culto e a idolatria pagã.<sup>8</sup> Na própria Bíblia Hebraica há evidências de um questionamento do caráter sagrado do Templo, nos livros 1 Reis e 2 Crônicas. Ainda assim, nos livros do AT, Salomão procura demonstrar que o santuário foi construído para abrigar o nome de Deus e não o próprio Deus. O aspecto novo da crítica de Estevão ao Templo, no entanto, reside na comparação com a idolatria, algo que não ocorre na Bíblia Hebraica.

Marcel Simon possui bons exemplos de como o termo *cheiropoiētos* era interpretado pelos judeus não cristãos no século I d.C. Ele observa que Fílon de Alexandria, judeu contemporâneo da comunidade crista de Jerusalém, quando descrevia a construção do Templo de Jerusalém em suas obras, era cuidadoso o suficiente para não usar o termo *cheiropoiētos* e escolher, ao invés dele, a palavra sinônima *cheirotmētos* que, muito provavelmente, não carregava o mesmo sentido desabonador. Em relação ao próprio termo *cheiropoiētos*, o autor observa que Fílon sempre o emprega quando descreve feitos desprezíveis das mãos humanas, como a idolatria ou as calamidades provocadas pelo homem e não pela natureza.<sup>9</sup>

Quando se lê o texto de Atos por completo percebe-se que, com exceção da crítica explícita de idolatria no discurso de Estevão, o Templo de Jerusalém é, ao contrário, caracterizado de forma bastante favorável por Lucas. Isto se torna um problema na medida em que cria dificuldades para os especialistas identificarem se Lucas (e principalmente os primeiros cristãos, cuja história ele pretende narrar) enxergava o Templo como algo positivo ou algo negativo. Exemplos de uma caracterização favorável do Templo de Jerusalém são encontrados por todos os lados no livro de Atos, no qual há mais referências ao Templo do que em todos os quatro evangelhos. Também no Evangelho de Lucas existem mais referências ao santuário do que em qualquer outro. Por esta informação, podemos inferir que o Templo deve ter sido um tema de importância para Lucas.

---

<sup>8</sup> Marcel Simon nos lembra que, na Septuaginta, “a palavra *cheiropoiētos* invariavelmente se aplica a coisas relacionadas com a idolatria e é introduzida no texto grego mesmo quando não há uma palavra equivalente na língua hebraica (= *elil*)”. Seus exemplos são: Isaías 2:18; 11:11; 16:12; 19:1; 21:9; 31:7 etc. Cf. SIMON, M. *St. Stephen and the Hellenists in the Primitive Church*. London: Longmans, 1958, p. 89.

<sup>9</sup> SIMON, M. *St. Stephen and the Hellenists...*, p. 89.

A surpreendente afirmação na boca de Estevão em relação ao Templo de Jerusalém parece ser mais bem explicada mais adiante no relato de Atos, na pregação de Paulo no Areópago em Atenas. Em 17.24-5, o termo “feito por mãos” (referindo-se a “santuários<sup>10</sup> fabricados por mãos humanas” – *cheiropoiētoi naoĩs*) é utilizado mais uma vez:

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, o Senhor do céu e da terra, *não habita em templos feitos por mãos humanas*. Também não é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, ele que a todos dá vida, respiração e tudo o mais... Ora, se somos de raça divina, não podemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra, a uma escultura da arte e engenho humanos (At. 17.24-5, 29; ver Is 66.1-2).

Aparentemente, no seu contexto o termo diz respeito simplesmente aos templos pagãos em Atenas (ou no mundo pagão, em geral). Paulo estaria, desta forma, inspirando-se no antigo tema da anti-idolatria desenvolvido pelo profeta Isaías (40.20s). Entretanto, as similaridades entre os discursos de Paulo e de Estevão são muito fortes e parecem intencionais por parte de Lucas, principalmente quando ele destaca o fato de que Deus não habita em santuários/*templos* (*naoĩs*) feitos por mãos humanas.

### **Considerações Finais**

Tentando alcançar uma breve conclusão, é importante recordarmos o propósito do texto para Lucas, que foi o de ensinar um público específico a respeito do cristianismo. Mantendo isso em mente, torna-se plausível argumentar, como J. Fitzmyer, que ambos os discursos (tanto o de Estevão quanto o de Paulo) parecem servir a um propósito maior nos planos de Lucas: a apologia do cristianismo como o cumprimento das escrituras judaicas e a justificação dos

---

<sup>10</sup> ‘Santuários’ é a tradução escolhida pelos editores da *HarperCollins Study Bible (New Revised Standard Version)* porque eles concluem que Paulo, em seu discurso no Areópago, está se referindo aos templos pagãos e não ao Templo de Jerusalém. Entretanto, como o termo em grego é *naoĩs*, ele pode muito bem ser traduzido por ‘templos’.

gentios como verdadeiros membros do povo de Israel. Em relação ao Templo de Jerusalém especificamente, para Lucas:

(1) Ele deve ser respeitado como a principal instituição judaica porque fora assim visto por séculos no judaísmo (por isso os apóstolos vão até ele para pregar e, mais tarde, Paulo se purifica para adentrá-lo);

(2) Paradoxalmente, o Templo não deve mais ser o culto principal do cristianismo, uma vez que Deus não está mais presente nele. Os judeus entenderam erroneamente a vontade de Deus quando construíram um palácio maravilhoso e se regozijaram no trabalho de suas mãos. Eles acabaram por igualar o santuário, se pode-se exagerar o argumento, ao Parthenon, por exemplo. Em suma, o Templo pode ser comparado, embora cuidadosamente, a qualquer outro templo dedicado a ídolos feitos por mãos humanas.

O fato de o discurso de Estevão servir a um propósito maior no pensamento de Lucas não impede de forma nenhuma que o evento tenha sido realmente histórico. Fitzmyer é muito cauteloso ao atribuir o discurso a uma fonte judaico-helenística definida, mas admite que, por não ser a caracterização do Templo por Estevão inteiramente aquela de Lucas, deve-se assumir “que ao menos alguns detalhes do discurso de Estevão foram herdados por Lucas de uma fonte preexistente”.<sup>11</sup>

Considerando-se a evidência até o momento, Estevão parece realmente ter caracterizado o Templo de forma pejorativa porque, como consequência, foi apedrejado até a morte e uma perseguição aos cristãos foi iniciada na Cidade Santa. O uso do termo *cheiropoiētos* para descrever o santuário em Jerusalém se encaixaria como uma luva como motivo para uma punição tão severa – um evento de consequências desastrosas que seria obviamente recordado pelos cristãos posteriores.

O fato de o relato de Atos dos Apóstolos ter sido recuperado na segunda metade do século II d.C. com o objetivo de apresentar uma vivência “correta” da fé para

---

<sup>11</sup> FITZMYER, J. *The Anchor Bible: The Acts of the Apostles...*, p. 368.

os cristãos não transformam os eventos nele relatados em puras ficções, mas, na realidade, recobrem-os de novos significados. Assim, o episódio de Estevão e seu martírio que, como pudemos observar, é muito provavelmente histórico e foi guardado pelo autor de Atos em seu relato, ganha o *status* de um exemplo de vida correta na fé cristã e, por isso, se torna modelo para a história dos cristãos posteriores. Muitos desses cristãos abdicariam da própria vida em nome da fé, seguindo o exemplo de Estevão. Irineu de Leão, ao tornar público e notório o texto de Atos por volta de 180 d.C., já afirmava naquele momento que Estevão alcançara a perfeição por meio de sua morte como mártir. E François Bovon atenta para o relato de Eusébio de Cesaréia, que ressaltou o heroísmo de Estevão que “encarando a morte violenta, tornou-se um modelo para os mártires de Leão e Viena. Tal como o primeiro mártir, eles encontraram a energia espiritual para orar por seus algozes” (Hist. Eccl. 5.2.5.). A partir do capítulo 7 de Atos dos Apóstolos, iniciava-se, assim, a longa tradição dos mártires cristãos.

## **BIBLIOGRAFIA**

### ***Textos antigos:***

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1994.

MEEKS, W. A. (ed.). *The HarperCollins Study Bible: New Revised Standard Version, with the Apocraphal/Deuterocanonical Books*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1993.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

EUSEBIUS. *Historia Ecclesiastica*. Cambridge: Harvard University Press (Loeb Classical Library).

### ***Textos específicos:***

BOVON, François. “The Dossier on Stephen, the First Martyr”. In: *Harvard Theological Review*, n. 96, 2003, pp. 237-279.

FITZMYER, J. *The Anchor Bible: The Acts of the Apostles. A New Translation with Introduction and Commentary*. New York: Doubleday, 1998.

JOHNSON, L. T. *The Acts of the Apostles*. Collegeville: Liturgical Press, 1992.

LÉGASSE, S. *Lectio Divina 147: Stephanos. Histoire et Discours d'Étienne dans les Actes des Apôtres*. Paris: Cerf, 1992.

MOODY, D. "A New Chronology for the Life and Letters of Paul". In: VARDAMAN, J. & YAMAUCHI, E. M. (eds.) *Chronos, Kairos, Christos. Nativity and Chronological Studies Presented to Jack Finegan*. Eisenbrauns: Winona Lake, 1989, pp. 223-240.

MOUNT, C. *Pauline Christianity: Luke-Acts and the Legacy of Paul*. Leiden: Brill, 2002.

SIMON, M. *St. Stephen and the Hellenists in the Primitive Church*. London: Longmans, 1958.